

A fotorreportagem virtual e a ressignificação do turismo pós-pandemia¹

Denis Renó²

Luiza Banhara³

Natalia Viola⁴

Introdução

O ecossistema fotográfico vivencia processos mutantes expressivos desde o advento da tecnologia digital, e ocupou um status de coadjuvante por quase duas décadas no jornalismo digital, como complemento dos textos. Nesse ambiente de mudanças e reconfigurações, destacam-se algumas transformações encontradas neste artigo como fatores interrogativos que provocam a pesquisa. Uma delas é a relação existente entre o cidadão, os conteúdos e os dispositivos midiáticos. Para tanto, consideramos a mobilidade estudada por Marc Augé (2007) e a sociedade individualizada contemporânea, proposta por Zygmunt Bauman (2008), característica do humano moderno, somada às mutações conceituais na ecologia midiática originalmente observada por McLuhan e Postman, revisada nos dias atuais.

Para colaborar com a busca de respostas sobre isso, é necessário entender essa atualização através dos estudos compartilhados por Paul Levinson (2012) e Lev Manovich (2013), onde a relação entre o cidadão e os dispositivos digitais torna-se quase orgânica em sua interpretação. Além disso, para ambos autores, a distribuição/circulação contemporânea, que seria inimaginável para os pesquisadores pioneiros da ecologia dos meios, justifica a

¹ Trabalho parcialmente financiado pela FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, ref. processo 2019/19337-1.

² Jornalista e fotógrafo, Livre-docente em Ecologia dos Meios e Jornalismo Imagético e bolsista produtividade CNPq – Nível 2. Professor Associado na Universidade Estadual Paulista – UNESP (Brasil), professor honorífico na Universidade Complutense de Madri (Espanha) e professor visitante na Universidade Nacional de Rosario (Argentina), Universidade Técnica Particular de Loja – UTPL (Equador) e Universidade de Vigo (Espanha). Pesquisador líder do GENEM - Grupo de Estudos sobre a Nova Ecologia dos Meios E-mail: denis.reno@unesp.br

³ Educadora física, é aluna especial do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual Paulista – UNESP (Brasil). Membro do GENEM - Grupo de Estudos sobre a Nova Ecologia dos Meios. E-mail: luiza.banhara@unesp.br

⁴ Arte-Educadora, Pedagoga e Fotógrafa. Membro do GENEM - Grupo de Estudos sobre a Nova Ecologia dos Meios. Doutoranda do Programa de Comunicação da Universidade Estadual Paulista - UNESP. E-mail: natalia.m.viola@unesp.br

existência deste estudo: a mudança tecnológica, estética e narrativa da informação imagética em ambientes jornalísticos digitais. Uma foto que se transforma em vídeo, o vídeo que ocupa um lugar de foto ou a foto que ocupa a interface de maneira responsiva, informando parte importante da reportagem por seus pixels, denominado por Fontcuberta (2016) como pós-fotografia. Finalmente, uma pós-fotografia que constrói narrativas complexas em nativos ambientes imagéticos, como o Instagram (Manovich, 2017). A fotografia, que surge como uma arte de narrar histórias longínquas até a perda dessas narrativas e a substituição pelo registro de instantes comuns, cotidianos. Entretanto, essa realidade vive uma reviravolta. Atualmente, encontramos diversas tecnologias digitais que promovem não somente o registro fotográfico de alta qualidade a partir de dispositivos móveis, como também as transformam em mensagem fundamental em reportagens multiplataforma e/ou transmídia, ou seja, através de narrativas complexas, com o papel de agente testemunha e de transformação social.

Para o desenvolvimento deste trabalho adotam-se ideias de Henri Cartier-Bresson (2015), quando o mesmo defende o valor da fotografia de viagem quando a mobilidade planetária era para poucos, assim como a perda do potencial desse tipo de narrativa fotográfica a partir das últimas décadas do século XX, com a facilitação da mobilidade humana. A proposta aqui apresentada propõe apresentar resultados preliminares de uma pesquisa, de caráter exploratório, quando pretende-se estudar, a partir de um complexo metodológico que compreende, basicamente, investigação bibliográfica e pesquisa netnográfica no Instagram para compreender o papel da fotorreportagem de viagem outrora esquecida pelo ecossistema midiático contemporâneo, mas que se recupera com a remodelagem social após a pandemia do COVID-19, quando a mobilidade tornou-se limitada e arriscada. O estudo sobre a disseminação de fotografias de viagem no Instagram tem como objetivo compreender o seu papel na recuperação do turismo, tendo como base as narrativas construídas a partir dos conceitos de pós-fotografia, proposto por Joan Fontcuberta (2011). Espera-se, com o resultado desta pesquisa, que novos potenciais do turismo lúdico possam ser criados e “viagens imagéticas” proporcionem à sociedade contemporânea encontros com culturas diversas.

Metodologia

Para o desenvolvimento deste artigo, tomamos como procedimento um complexo metodológico composto, basicamente, por pesquisa bibliográfica e um estudo netnográfico de caráter analítico. Para tanto, foram analisadas publicações pontuais presentes no Instagram, tendo como critério a seleção aleatória e por conveniência (Epstein, 1998). A amostra adotada na seleção da pesquisa em questão representa o período de seis meses anteriores à pandemia e finda-se em setembro de 2021, percorrendo o período de 24 meses.

Entretanto, para que se possa compreender a pesquisa em si, tornou-se fundamental desenvolver uma pesquisa bibliográfica sobre a temática fotografia de viagem. A metodologia se justifica em especial quando se trata de uma pesquisa de caráter exploratório, como é o caso desta. Segundo Stumpf (2006, p.51), “é o levantamento global inicial de qualquer trabalho de investigação que resulta a identificação e obtenção da bibliografia pertinente sobre o tema, até a apresentação de um texto sistematizado...”. Com relação à importância e ao momento em que a investigação bibliográfica pode ocorrer no desenvolvimento de uma investigação, a autora complementa:

Em um sentido específico, é um conjunto de procedimentos que busca identificar informações bibliográficas, selecionar os documentos pertinentes ao tema estudado e proceder à respectiva anotação ou arquivo das referências e dos dados dos documentos para que sejam posteriormente utilizados na redação de um trabalho acadêmico. Algumas vezes, se trata da única técnica utilizada na elaboração de um trabalho acadêmico, mas pode também ser uma etapa fundamental e primeira de uma investigação que adota dados empíricos, quando sua produção recebe a denominação de referencial teórico, revisão de literatura ou similar. (Stumpf, 2006, p.51)

No texto, a autora aponta, de maneira detalhada, as situações ideais para o emprego do método. E assim foi realizado neste estudo, tanto no estudo de obras de caráter teórico sobre fotografia de viagem, como também no estudo de obras fotográficas relacionadas ao turismo.

Com esse roteiro metodológico, chegou-se a um resultado que, consideramos, foi possível desenvolver uma reflexão sobre o regresso da fotorreportagem ao fomento do turismo. Uma característica que havia perdido força com a facilidade de locomoção interplanetária (Cartier-Bresson, 2015), mas que voltou a ocupar um espaço cognitivo e afetivo durante e após a pandemia.

Fotografia e dispositivos móveis

O Ser Humano está sempre em desenvolvimento e desenvolvendo tecnologias, tanto para suprir necessidades básicas do cotidiano bem como complementar os processos artístico-culturais. Kossoy (2014) cita que houve um grande desenvolvimento das ciências, como invenções nas áreas da economia, cultura e social a partir da Revolução Industrial e que mudaram os rumos da história. Neste contexto, a fotografia pode ser citada como uma destas invenções, e teve papel inovador no contexto histórico, documental e cultural com o registro do cotidiano vivido pela sociedade, além da construção de expressões artísticas complementando as outras diversas técnicas artísticas preexistentes. A imagem artesanal passou então a ser técnica, construindo assim um novo código visual, mudando a maneira que se entendia a produção artística, criando assim uma cultura de massa.

Com a fotografia, “o mundo tornou-se de certa forma ‘familiar’... o homem passou a ter um conhecimento mais preciso e amplo de outras realidades que lhe eram, até aquele momento, transmitidas unicamente pela tradição escrita, verbal e pictórica” (Kossoy, 2014 p.30). desta forma, com o contínuo aperfeiçoamento da tecnologia da fotografia, a imagem da realidade (vivida fisicamente ou mentalmente) pôde ser compartilhada, inteira ou em fragmentos – considerando que a fotografia é um pequeno pedaço de uma realidade visível – com os povos e culturas mais distantes.

A fotografia é uma das invenções que continuam em desenvolvimento, partindo da “escrita da luz” por um pedaço de vidro, metal, ou pano embebido e química fotossensível à sensores eletrônicos que fazem a leitura da imagem em processos completamente digitais. Assim é a fotografia nos dias atuais. E com o desenvolvimento dos sensores, os suportes fotográficos também puderam ser modificados e hoje, temos pequenas câmeras fotográficas dentro de aparelhos celulares. Com sensores do tamanho da unha de nosso dedo mindinho, os *smartphones* trouxeram praticidade desde o ato fotográfico até a divulgação destas imagens capturadas. Natalia Viola (2020) define como “mobgrafia” (*mobile* + fotografia) as fotografias que são feitas a partir de aparelhos celulares, desde sua concepção até o tratamento final.

Considerando a fotografia como um conjunto de técnica (suporte fotográfico) e informação (coisa fotografada), aliado fotógrafo, é possível obter a imagem fotográfica, uma

fração da realidade que já foi vivida, ou o registro de um instante decisivo⁵ em um determinado espaço-tempo como uma forma de expressão e representação de informações, podendo-se visualizar características do lugar e época em que foi feita. Carregada de história, a fotografia nos permite detectar a intenção do registro, os indícios de espaço-tempo e a informação específica que quer passar. Elas remetem às lembranças individuais ou coletivas, outrora mantidas em porta-retratos pelas casas, se tornam atualmente quase onipresentes devido à tecnologia (Kossov, 2014).

A mobgrafia tem o benefício da praticidade e rapidez imagética. Com um único aparelho, é possível capturar a imagem, fazer seu processamento e tratamento além de difundir dentre as diversas mídias eletrônicas e redes sociais existentes atualmente em uma fração de segundos. A fotografia, antes conhecida como memória guardada, hoje se transforma em memória contínua, pois perpetua infinitamente pelas redes sociais, pelos endereços virtuais denominados *hashtags*.

Os tempos da fotografia mudaram e as formas de fazê-la também. Suzan Sontag (2004) descreve que a fotografia passou a ser um rito social e uma forma de poder. Como objetos colecionáveis, as fotografias guardam os momentos mais importantes da vida como formaturas, casamentos, conquistas diversas e viagens realizadas a lugares desejados. A posse imaginária que a fotografia causa permite que pessoas consigam ir a lugares em que antes encontravam insegurança pelo simples fato de nunca o terem visto, como é o caso do turismo. É possível perceber um aumento no turismo que é sempre acompanhado de câmeras ou *smartphones* para fazer o registro, pois as imagens são as provas, incontestáveis, de que a viagem se realizou. Para a autora:

Viajar se torna uma estratégia de acumular fotos. A própria atividade de tirar fotos é tranquilizante e mitiga sentimentos gerais de desorientação que podem ser exacerbados pela viagem. Os turistas, em sua maioria, sentem-se compelidos a pôr a câmera entre si mesmos e tudo de notável que encontram. Inseguros sobre suas reações, tiram uma foto. Isso dá forma à experiência: pare, tire uma foto e vá embora... Usar uma câmera atenua a angústia que pessoas submetidas ao imperativo do trabalho sentem por não trabalhar enquanto estão de férias, ocasião em que deveriam divertir-se...

⁵ Termo atribuído à Henri-Cartier Bresson por gostar de capturar a fugacidade dos momentos eu registrava e que foi retirado da frase “Nada há no mundo que não tenha um instante decisivo” do Cardeal de Retz, utilizado no prefácio do livro *Images a la Sauvette*.

Pessoas despojadas de seu passado parecem redundar nos mais fervorosos tiradores de fotos (Sontag, 2004, p. 20-21).

De acordo com a autora, é possível ainda observar aqueles que têm vergonha de levar em sua viagem, um objeto fotográfico grande, como uma câmera fotográfica com medo ou vergonha de ser observado, mesmo que exista a vontade de fazer o registro. Mas a mobgrafia já permite ao viajante fazer suas capturas sem ser descoberto. Por ser um objeto usual e multiuso, o aparelho celular traz esta como uma de suas maiores vantagens: fotografar despercebido.

Fotografar algo não é apenas fazer o registro da coisa, mas também fazer parte daquilo que foi fotografado e do momento em que foi feito o registro. É participar de todo o processo ou como autor, ou como ator. É saber que, mesmo que o momento tenha acabado, a fotografia leva consigo a imagem do ocorrido bem como a memória do momento vivido.

Registros de viagem no Instagram

Há tempos presenciamos a tecnologia abarcando nosso cotidiano e transformando nossas relações com a sociedade. Vivemos em uma sociedade midiaticizada que traz em seu bojo novos significados de nossas interações sociais em função dos meios digitais. Denis Renó (2020) aponta que as tecnologias da comunicação, que incluem desde a escrita até os meios digitais, produzem ambientes que afetam o cotidiano dos que a utilizam, e a partir desta ideia dos meios como ambientes, compreende-se a ideia básica da ecologia dos meios.

Nesta perspectiva, vemos que a fotografia não ficou incólume às transformações trazidas pela revolução digital, ela continuou (pois sempre esteve) em seu processo transformador e adquiriu o aspecto tecnológico, sendo descrita por Joan Fontcuberta como pós-fotografia. Fontcuberta (2011) descreve que a “pós-fotografia nada mais é do que a fotografia adaptada à nossa vida on-line” que ganhou grandes dimensões em nossa sociedade adicta a imagens devido a circulação massiva dos dispositivos móveis e a popularização das redes sociais, que possibilitam que, qualquer pessoa que tenha acesso à essas tecnologias possa registrar e compartilhar suas experiências, descobertas e avaliações de seu cotidiano ou de suas viagens.

Fontcuberta (2011) apresenta em seu decálogo pós-fotográfico que na pós-fotografia se “privilegiam práticas de criação que nos habituarão à desapropriação: compartilhar é

melhor do que possuir”, e neste sentido, vemos uma mudança de paradigma na sociedade em relação à fotografia tradicional, que, em sua maioria, usava os registros fotográficos apenas como recordações armazenadas em álbuns de família e agora passou a compartilhá-los em redes sociais ampliando a visualização e permitindo que mais pessoas tenham acesso às suas fotografias. Neste mesmo texto, Joan Fontcuberta apresenta:

Tomar fotos e mostrá-las nas redes sociais forma parte dos jogos de sedução e dos rituais de comunicação das novas subculturas urbanas pós-fotográficas, as quais, embora capitaneadas por jovens e adolescentes, deixam poucos à margem. As fotos já não tomam recordações para guardar, mas mensagens para enviar e trocar: se convertem em puros gestos de comunicação, cuja dimensão pandêmica obedece a um amplo espectro de motivações (Fontcuberta, 2011, p. 2)

Vemos, então, que a pós-fotografia “traz uma série de consequências capazes de moldar nossa relação com as imagens com as quais convivemos” (Salles, 2018) e nessa nova relação da fotografia com a sociedade, em que os usuários de redes sociais, compartilham abundantemente seus registros dos lugares visitados, sejam eles, uma viagem, um passeio, um *tour* pela própria cidade, visitas ao comércio local, experiências gastronômicas, culturais e turísticas, ou seja, todos estes registros são capazes de despertar a curiosidade ou o desejo em outros usuários que os visualizam, e podem provocar neles o interesse de conhecer estes locais.

Estas narrativas imagéticas apresentadas neste espaço ecologicamente midiático, como o Instagram (Manovich, 2017) nos fazem refletir que a pós-fotografia, através de sua narrativa complexa, agrega mais um valor ao uso tradicional da fotografia (memória, apreciação artística, fotojornalismo), que é o de fomentar o turismo.

Neste sentido, observamos que o crescente número de compartilhamentos de fotografias de viagens no Instagram, e os recursos de indexação que são disponibilizados para que a postagem tenha maiores facilidades de acesso e alcance, como o recurso de geolocalização (possibilita que os usuários saibam o local daquele registro fotográfico) e as *hashtags* (funcionam como palavras-chaves ou termos associados àquela fotografia), promovem a difusão dos locais turísticos possibilitando que um maior número de pessoas conheçam esses lugares e se interessem por visitá-los.

Figura 1: Publicação de fotografia turística no Instagram com localização e *hashtags*.



Fonte: Perfil do Instagram de @themarcelosena⁶

As narrativas imagéticas geradas através do compartilhamento das fotografias turísticas criam uma diversidade de informações sobre o local que vai desde a divulgação da cultura até aspectos geográficos e históricos daquela região.

A partir disso, percebemos que a pós-fotografia através de sua narrativa complexa, tem papel contributivo à sociedade no aspecto educacional, inclusivo e democrático. Destacamos primeiramente sua função educacional, que é proporcionada através da heterogeneidade de informações presentes na fotografia publicada, e que leva ao conhecimento dos usuários que a visualizam uma pluralidade de informações sobre o local, como por exemplo, a cultura, a história, a localização geográfica, o clima, a culinária, entre outros diversos fatores. Com tantas informações contidas nestas fotografias turísticas, o visualizador terá novas aprendizagens e conseqüentemente um conhecimento mais amplo do local de sua “viagem imagética”. Perinotto (2013) destaca a importância da construção de uma imagem do destino turístico baseadas nas fotografias que retratam a complexidade dos

⁶ Material disponível em <https://www.instagram.com/p/CRKTV3OhWsV/>, acesso em agosto de 2021

aspectos locais, como o paisagístico, climático, ambiental, cultural, gastronômico, artístico e folclórico, como também a história, os costumes e os comportamentos da população. O turista/visualizador destas fotografias turísticas criará uma imagem fotográfica ampla do local e ao viajar ao destino visualizado, seja de modo presencial ou virtual, poderá ter uma experiência mais fidedigna do local.

A pós-fotografia também exerce o papel inclusivo, pois permite que qualquer pessoa que tenha acesso a essas redes sociais de compartilhamento de fotografia, como o Instagram, possa “viajar” para qualquer local que seja de seu interesse, seja através da simples visualização de uma fotografia publicada ou refinando pesquisas sobre determinado local através dos recursos disponíveis como o de geolocalização e *hashtags*, possibilitando assim uma imersão turística, sem despende de valores econômicos.

Realizar viagens e conhecer a diversidade dos aspectos locais, sempre foi exclusividade de quem dispunha de condições econômicas e de tempo para isso, e o conhecimento adquirido sobre esses locais ficava circunscrito aos viajantes e às pessoas mais próximas a eles. A outra forma de ter conhecimento do mundo sob a ótica de um viajante era através das fotografias de viagens feitas por fotógrafos profissionais que viajavam o mundo a fim de registrá-lo, como Cartier-Bresson (2015) que relata que antes de fazer suas fotografias, era necessário primeiramente integrar-se ao ambiente e entendê-lo, fato que demandava tempo e recursos financeiros. Observamos, então, que a fotografia de viagem nos ambientes midiáticos transformou a relação excludente da sociedade com viagens, pois proporcionou que elas se tornassem factíveis a qualquer pessoa, ainda que de forma virtual.

Por fim, a pós-fotografia apresenta-se como democrática por possibilitar a troca de informações nas redes sociais, onde outros usuários podem tecer comentários sobre suas impressões do local, tirar dúvidas a respeito, acrescentar outras informações, levantar questionamentos e reflexões, e também influenciar ou desincentivar os outros usuários a conhecer o local. Perinotto (2013) frisa que a opinião emitida pelo “boca a boca” sempre foi importante para propagar aspectos positivos e negativos sobre algo, no entanto, a tecnologia permitiu que as redes sociais crescessem rapidamente, propiciando a interação de milhares de pessoas, de modo que o “boca a boca” virtual passa a alcançar um grupo maior de amigos virtuais e seguidores, em poucos minutos e sem limites geográficos. O autor ainda destaca que essas opiniões dos amigos e familiares possuem maior credibilidade pois são pessoas que

passaram pelas mesmas experiências e dificuldades, e essa opinião dada nas redes sociais está exposta para todos, impactando fortemente a percepção sobre o destino turístico

Considerações

A fotografia é viciante. Ela possibilita com os registros imagéticos, o preenchimento de lacunas psicológicas como desejo de pertencimento e posse. Mas podem também propiciar àqueles que se encontram impossibilitados de realizar algo a interação e a sensação de pertencimento principalmente com as imagens compartilhadas em redes sociais. Os dispositivos móveis auxiliam desde a captura da fotografia até a sua disseminação em curtos espaços de tempo, tanto para o autor, como para o consumidor da imagem.

A redação do artigo foi motivada por um problema central, que corresponde com a reformulação do ecossistema midiático contemporâneo após os efeitos sociais, sanitários e econômicos provocados pela pandemia do COVID-19, com foco principal na ressignificação do turismo. Consideramos, para a detecção do problema, o potencial econômico dessa atividade nos dias pré-pandemia, assim como uma possível reconfiguração. Coube-nos responder: quais as possibilidades comunicacionais da fotografia de viagem em ambientes digitais pós-pandemia?

Para responder a esse problema de pesquisa, encontramos no Instagram um potencial espaço para o desenvolvimento de novas linguagens para a fotografia de viagem, considerado o conceito de pós-fotografia (Fontcuberta, 2016). Isso está visível no estudo apresentado. Entretanto, percebemos a necessidade de novos estudos a respeito, assim como soluções digitais que ofereçam à sociedade experiências cognitivas que atendam aos anseios turísticos, especialmente no momento de dificuldades de mobilidade que a humanidade vive a partir da pandemia.

Cabe-nos esclarecer que o artigo apresentado é um primeiro passo no sentido de revitalizar a fotografia de viagem e também atender ao potencial presente no campo do turismo como negócio. Para tanto, novos estudos serão desenvolvidos, ainda que contenham novos compromissos a serem cumpridos no campo da fotografia, nomeadamente a fotografia social.

Referências

Augé, M. (2007). Por una antropología de la movilidad. Gedisa.

Bauman, Z. (2008). A sociedade individualizada. Zahar.

Cartier-Bresson, H. (2015). Ver é um todo: Entrevistas e Conversas 1951-1998. Gustavo Gili.

Epstein, I. (1998). Ciência e anti ciência (apontamentos para um verbete). Comunicação & Sociedade, 29. <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/CSO/article/view/7852>

Fontcuberta, J. (2016). La furia de las imágenes. Galáxia de Gutenberg.

Fontcuberta, J. (2011, maio 11). Por un manifiesto postfotográfico. *La Vanguardia*. <https://www.lavanguardia.com/cultura/20110511/54152218372/por-un-manifiesto-posfotografico.html>

Kossoy, B. (2014). Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo. Cotia, SP: Ateliê Editorial.

Levinson, P. (2012). New new media. Pinguim.

Manovich, L. (2017). Instagram and the contemporary image. CUNY.

Manovich, L. (2013). Software takes command. Bloomsbury Academic.

Perinotto, A. (2013). Investigando a comunicação turística de Parnaíba/PI- Brasil: Internet e redes sociais, descrição e análise. Turydes, Revista De Investigación En Turismo Y Desarrollo Local. Disponível em: <https://www.eumed.net/rev/turydes/>. Acesso em 10 ago. 2021.

Renó, D. (2020). A pós-fotorreportagem e os paradigmas estéticos do ecossistema midiático contemporâneo. In Barros, L. M.; Marques, J. C.; Médola, A. S. (Orgs). Produção de sentido na cultura midiaticizada. Fafich/Selo PPGCOM/UFMG.

Renó, D., Barcellos, J., Viola, N. (2019). El postfotoperiodismo gamificado. Razón y Palabra. 23, 106. <https://www.revistarazonypalabra.org/index.php/ryp/article/view/1504>

Salles, F. M. (2018). A Selfie e a pós-fotografia: considerações psicológicas. Discursos fotográficos, Londrina. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/30370>. Acesso em 06 ag. 2021.

Sontag, S. (2004). Sobre Fotografia. São Paulo: Companhia das Letras.

Stumpf, I. R. C. (2006). Pesquisa bibliográfica. In J. Duarte & A. Barros. Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. 2a ed. Atlas.

Viola, N. Renó, D. (2020). Da Pintura à “Pintura”. Registros. Aveiro: Ria Editorial.